



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO DE MULTIDISCIPLINAR DE ANGICOS
CURSO DE PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2025.2)

**IMPACTOS DA ALFABETIZAÇÃO NA VIDA DE EX-ALUNOS DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): ESTUDO EM UMA
COMUNIDADE RURAL DA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO
NORTE¹**

***IMPACTOS DA ALFABETIZAÇÃO NA VIDA DE EX-ALUNOS DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): ESTUDO EM UMA
COMUNIDADE RURAL DA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO
NORTE***

Maria Eugênia Figueredo de Lima²

Orientador: Dr. Francisco Aedson de Souza Oliveira³

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar, a partir das percepções de ex-alunos da EJA da comunidade rural 03 de Agosto, os impactos da alfabetização em suas trajetórias pessoais e sociais. Para isso, realizou-se uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, desenvolvida por meio de pesquisa de campo com oito participantes que concluíram a etapa inicial da alfabetização entre cinco e dez anos antes da investigação. Os dados foram coletados por meio de entrevistas, norteadas por um questionário, e organizados segundo a técnica de análise de conteúdo temático. Os resultados mostram que a alfabetização proporcionou ganhos expressivos de autonomia, autoestima e segurança em práticas cotidianas, como assinar documentos, deslocar-se com mais independência e compreender informações básicas do dia a dia. As falas também revelam fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, ampliação da participação social e maior capacidade de lidar com exigências do trabalho e da vida rural. Apesar dos avanços, persistem limites estruturais, como a descontinuidade das turmas, as dificuldades para conciliar estudos e trabalho e a ausência de políticas permanentes

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado/defendido ao Curso de Graduação em Pedagogia, no dia 15 de Dezembro de 2025, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista junto a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

² Orientando do Curso de Graduação em Pedagogia, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).
maria.lima94366@alunos.ufersa.edu.br.

³ Orientador do Curso de Graduação em Pedagogia, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).
E-mail: aedson.souza@ufersa.edu.br

que garantam continuidade formativa. Conclui-se que a EJA exerce papel fundamental na transformação das experiências de jovens, adultos e idosos, embora ainda dependa de condições institucionais mais estáveis para assegurar seus efeitos de longo prazo.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Alfabetização; Autonomia; Trajetórias de Vida; Impactos.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze, based on the perceptions of former students of the Youth and Adult Education Program (EJA) from the rural community of 03 de Agosto, the impacts of literacy on their personal and social trajectories. To this end, a qualitative and descriptive study was conducted through field research with eight participants who had completed the initial stage of literacy five to ten years prior to the investigation. Data were collected through interviews guided by a questionnaire and organized using thematic content analysis. The results show that literacy provided significant gains in autonomy, self-esteem, and confidence in everyday practices, such as signing documents, moving around more independently, and understanding basic daily information. The participants' accounts also reveal strengthened family and community ties, increased social participation, and greater ability to deal with the demands of work and rural life. Despite these advances, structural limitations persist, such as the discontinuity of classes, difficulties in balancing study and work, and the absence of permanent policies that ensure continued educational opportunities. It is concluded that EJA plays a fundamental role in transforming the experiences of young people, adults, and the elderly, although it still depends on more stable institutional conditions to secure its long-term effects.

Keywords: Youth and Adult Education; Literacy; Autonomy; Life Trajectories; Impacts.

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) configura-se como uma política pública destinada a atender pessoas que, por diferentes motivos, não tiveram acesso à escolarização no período considerado regular. Sua trajetória no Brasil está profundamente relacionada às desigualdades sociais, aos movimentos populares e à necessidade de reparar historicamente à exclusão educacional vivenciada por grande parte da população (Haddad; Di Pierro, 2000). Embora tenha se consolidado como modalidade a partir da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/1996), a EJA ainda enfrenta fragilidades estruturais e políticas que comprometem seu pleno desenvolvimento.

Nesse sentido, a EJA surgiu como resposta às contradições sociais e econômicas do país, especialmente quando o processo de modernização e expansão do mercado de trabalho passou a exigir maior escolarização e qualificação profissional. Assim, além de restituir o direito à educação negado a diferentes indivíduos, a modalidade também se tornou estratégica para a inclusão econômica de sujeitos historicamente marginalizados. Entretanto, apesar de sua relevância, a EJA segue marcada pela descontinuidade de programas governamentais, dificuldades no financiamento, ausência de materiais pedagógicos adequados e falta de formação específica para professores que atuam com esse público.

No contexto rural, essas fragilidades tornam-se ainda mais evidentes. As distâncias entre comunidades e escolas, a falta de transporte, a precariedade estrutural e o histórico de trabalho precoce contribuem para aprofundar a exclusão escolar. Para muitos jovens e adultos do campo, estudar representa um esforço que exige conciliar múltiplas responsabilidades familiares, produtivas e sociais. Ainda assim, mesmo diante de obstáculos, o retorno aos estudos especialmente ao processo de alfabetização é percebido como uma oportunidade de autonomia, pertencimento e transformação pessoal e coletiva, é uma maneira de potencializar suas identidades enquanto indivíduos capazes de atuar na sociedade ativamente e criticamente.

Nessa perspectiva, pontua-se baseado em Haddad e Di Pierro (2000), que a alfabetização na EJA não se limita ao aprendizado das técnicas de leitura e escrita, envolve antes de tudo a capacidade de interpretar a realidade, fortalecer a autoestima, compreender direitos e ampliar a participação social. Aprender a ler e escrever, na vida adulta, pode modificar significativamente a forma como os sujeitos se inserem na família, no trabalho e na comunidade, influenciando desde tarefas simples do cotidiano até a tomada de decisões essenciais para a vida.

Diante desse cenário, a comunidade rural de 03 de Agosto, localizada na região central do Rio Grande do Norte, também vivencia desafios característicos das populações do campo, como a distância até as instituições escolares, o trabalho precoce e a limitação de oportunidades educacionais ao longo da vida. Ainda assim, a oferta da modalidade EJA nessa localidade permitiu que diversos sujeitos tivessem acesso à alfabetização em etapas posteriores da vida, criando oportunidades para reconstruírem percursos educacionais interrompidos e vislumbrarem novos caminhos de participação social, familiar e comunitária. Diante disso, esse estudo busca responder ao seguinte problema de pesquisa: quais são os impactos da alfabetização vivenciada na EJA na vida de ex-alunos da comunidade rural de 03 de Agosto, no Rio Grande do Norte?

Justifica-se a realização desta pesquisa pela necessidade de atualizar a compreensão sobre os impactos da alfabetização na vida de jovens, adultos e idosos em uma realidade específica como a comunidade rural de 03 de Agosto, onde o acesso à escolarização é historicamente mais limitado e marcado por condições sociais particulares. Diferentemente de grande parte dos estudos que enfatizam sobretudo o caráter “reparador” da EJA, considera-se oportuno investigar o que acontece após a formação, buscando compreender quais agenciamentos os sujeitos constroem a partir dessa experiência e de que forma passam a produzir novas maneiras de viver, participar e atuar na sociedade. Examinar esses efeitos posteriores permite revelar dimensões pouco exploradas da modalidade e contribui para reconhecer a EJA não apenas como mecanismo de acesso à educação, mas como espaço de transformação contínua nas trajetórias de vida.

Com base nisso, o objetivo geral deste estudo é analisar, a partir das percepções dos ex-alunos da EJA da comunidade rural 03 de Agosto, localizada no município de Lajes, região central do Rio Grande do Norte (RN), os impactos da alfabetização construída nessa modalidade em suas trajetórias pessoais e sociais.

Com base nisso, além do objetivo geral, este estudo apresenta como objetivos específicos analisar as experiências vivenciadas pelos ex-alunos da Educação de Jovens e Adultos durante o processo de alfabetização na comunidade rural de 03 de Agosto; investigar os impactos da alfabetização na autonomia cotidiana, nas relações sociais e na participação comunitária desses sujeitos; e examinar as condições que influenciaram a continuidade ou interrupção dos estudos após a etapa de alfabetização na EJA.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E CONTEXTUAIS DA EJA

A compreensão dos impactos da EJA na vida de jovens, adultos e idosos exige uma análise que considere, simultaneamente, o percurso histórico da modalidade, as desigualdades que marcaram o acesso à escolarização e as particularidades dos sujeitos que retornam aos estudos em etapas tardias da vida. Este tópico apresenta os fundamentos que permitem situar a EJA como política pública essencial à garantia do direito à educação ao longo da vida, destacando sua trajetória, os perfis dos sujeitos atendidos e a concepção de alfabetização como prática social e emancipadora. Esses elementos constituem a base conceitual que orienta a análise do caso investigado na comunidade rural 03 de Agosto.

A EJA consolidou-se como resposta à exclusão histórica que privou grande parte da população brasileira do acesso à escolarização no período considerado regular. Como discutem Haddad e Di Pierro (2000), essa exclusão não deriva de fatores isolados, mas resulta de um processo social contínuo que limitou o ingresso e a permanência de trabalhadores rurais, pessoas em situação de pobreza, mulheres e grupos vulnerabilizados. Apesar dos avanços legais assegurados pela Constituição de 1988 e pela LDB nº 9.394/1996, a EJA ainda enfrenta fragilidades como descontinuidade de políticas públicas, falta de financiamento e oferta irregular, sobretudo em regiões rurais. Essas condições revelam que o direito à educação permanece tensionado entre sua previsão legal e sua materialização, o que reforça a importância da modalidade para sujeitos que vivenciam trajetórias escolares interrompidas.

Considerar a EJA implica reconhecer as singularidades dos sujeitos que dela participam, cujas vivências são marcadas por responsabilidades precoces, trabalho informal, deslocamentos frequentes e experiências de fracasso escolar. Arroyo (2022) destaca que os jovens e adultos que retornam à escola trazem consigo histórias de desigualdades e expectativas moldadas pelas condições sociais em que vivem, razão pela qual a aprendizagem nesse contexto se vincula diretamente às necessidades cotidianas e à construção de autonomia. Oliveira (2020) assinala que, ao aprender na vida adulta, o sujeito articula conhecimentos prévios às novas informações, produzindo sentidos próprios para a escolarização. Assim, a EJA não apenas supre lacunas formativas, mas constitui espaço de reconstrução identitária e elaboração de novos projetos pessoais e comunitários.

Nesse cenário, a alfabetização ganha centralidade por ser compreendida como prática social e processo emancipador. Freire (2005) afirma que alfabetizar adultos é possibilitar que leiam criticamente o mundo, ampliando a capacidade de interpretar situações vividas e participar de forma consciente da vida social. Em complemento, Soares (2022) argumenta que a alfabetização envolve usos reais da escrita no cotidiano, articulando competências que permeiam desde atividades simples até decisões importantes de vida. Em territórios rurais,

esses usos se ampliam para práticas ligadas ao trabalho agrícola, ao acesso a políticas públicas e à organização comunitária, o que evidencia a força da alfabetização como ferramenta de fortalecimento individual e coletivo.

Dessa forma, compreender os impactos da EJA na comunidade 03 de Agosto exige considerar as dimensões históricas, identitárias e sociais que estruturam a modalidade, bem como as condições territoriais que influenciam o acesso e a permanência escolar. Os elementos apresentados neste tópico oferecem o suporte teórico necessário para interpretar as experiências relatadas pelos participantes e entender de que maneira a alfabetização se articula às transformações em suas trajetórias pessoais e sociais, aspecto aprofundado a seguir.

2.1 Impactos da alfabetização na vida dos ex-alunos da EJA

Considerando esses fundamentos, torna-se possível examinar os impactos que a alfabetização exerce na vida de jovens, adultos e idosos inseridos na EJA, especialmente quando se leva em conta o conjunto de experiências acumuladas ao longo de suas trajetórias de exclusão educacional. A alfabetização ultrapassa o domínio de habilidades técnicas e configura-se como experiência que mobiliza dimensões subjetivas, sociais e culturais da vida dos sujeitos. Freire (2005) destaca que alfabetizar é um ato criador e um processo de conhecimento, que amplia a compreensão da realidade e fortalece a autonomia, permitindo que o indivíduo se reconheça como agente de sua própria história.

No plano pessoal, a alfabetização funciona como processo de ressignificação das experiências anteriores de escolarização e das marcas associadas ao fracasso escolar. Adultos que retornam aos estudos frequentemente carregam sentimentos de frustração e memórias de exclusão, que são gradualmente transformados à medida que percebem seus avanços. Esse processo, como argumenta Arroyo (2022), rompe ciclos de desvalorização e contribui para a reconstrução identitária dos estudantes, que passam a reconhecer seu próprio valor e potencialidade.

Os impactos da alfabetização se estendem também ao campo familiar e comunitário. A capacidade de acompanhar tarefas escolares, participar de reuniões e incentivar a continuidade dos estudos dos filhos fortalece vínculos familiares e contribui para interromper ciclos de analfabetismo, como indicam Silva e Paiva (2020). No âmbito comunitário, a leitura e a escrita facilitam a participação em associações, grupos sociais e espaços de decisão, já que permitem compreender documentos, listas, avisos e outras formas de comunicação essenciais para a vida coletiva. Estudos de Moura e Martins (2018) mostram que adultos alfabetizados

tendem a tornar-se mais ativos em práticas comunitárias, ampliando sua inserção social e fortalecendo redes de colaboração.

No cotidiano, o letramento amplia significativamente a autonomia dos sujeitos, pois ler prescrições médicas, interpretar orientações, acessar informações públicas, utilizar recursos digitais e realizar atividades simples sem mediação de terceiros são práticas que impactam diretamente a vida diária desses indivíduos. O domínio desses aspectos permite maior segurança, independência e mobilidade social aos sujeitos, permitindo uma reconstrução da sua atuação na sociedade e do modo como se percebe nela. No campo profissional, a alfabetização possibilita oportunidades antes inacessíveis, ao favorecer a compreensão de documentos, o preenchimento de cadastros, o diálogo com clientes ou fornecedores e o acesso a cursos básicos de formação.

Sob a perspectiva freireana, a alfabetização revela seu caráter político ao permitir que os sujeitos compreendam direitos, reconheçam desigualdades e atuem de forma mais crítica na sociedade. Com base nisso, Gentili (2013) destaca que aprender a ler e escrever rompe com a lógica da subalternidade ao fortalecer a consciência de si e a capacidade de participação política e social. Nesse sentido, os impactos da alfabetização articulam-se não apenas à melhoria de condições individuais, mas também ao fortalecimento do protagonismo e da inserção cidadã.

Dessa forma, os impactos da alfabetização na EJA são amplos, profundos e interligados, envolvendo dimensões pessoais, familiares, profissionais e sociais. Esses elementos constituem o suporte teórico necessário para compreender as percepções dos ex-alunos participantes da pesquisa, orientando a análise das transformações que emergiram após sua passagem pela modalidade, o que será discutido na seção de resultados e discussões.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa, caracteriza-se como uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, por buscar compreender significados, percepções e experiências construídas pelos participantes em seu próprio contexto de vida. A abordagem qualitativa é adequada quando se pretende interpretar fenômenos sociais a partir do ponto de vista dos sujeitos, considerando os sentidos presentes em suas narrativas e os contextos em que estão inseridos, conforme discutem autoras que investigam o potencial interpretativo desse tipo de abordagem (Minayo, 2023).

A investigação ocorreu na comunidade rural de 03 de Agosto, localizada no município de Lajes/RN. Participaram da pesquisa oito ex-alunos da EJA que concluíram a etapa de alfabetização entre cinco e dez anos atrás. A seleção dos participantes, deu-se por conveniência e disponibilidade, considerando moradores da comunidade que aceitaram contribuir voluntariamente. Essa forma de seleção é comum em pesquisas qualitativas que trabalham com grupos específicos e priorizam a profundidade das narrativas (Minayo, 2023). A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista norteada por um questionário, composto por oito perguntas abertas que abordaram percepções sobre o processo de alfabetização, dificuldades enfrentadas, impactos na vida cotidiana, relações sociais, autonomia e continuidade dos estudos. As entrevistas ocorreram presencialmente na comunidade, e as respostas foram registradas manualmente pela pesquisadora, preservando o conteúdo essencial das falas.

Para a construção dos resultados e discussões foi utilizada a técnica de análise de conteúdo temática observada e agrupada a partir de três etapas: leitura inicial do material, identificação e agrupamento de unidades de sentido e interpretação à luz do referencial teórico. Esse procedimento possibilitou a construção de quatro eixos temáticos que orientam os resultados: (1) experiências e percepções sobre o processo de alfabetização; (2) condições e dificuldades para frequentar a EJA; (3) aprendizagens e impactos na autonomia cotidiana e social; e (4) continuidade dos estudos e importância atribuída à alfabetização.

Os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e participaram de forma voluntária. Para garantir o anonimato, suas falas foram identificadas pelas siglas E1, E2, E3 e assim por diante. Esses procedimentos atendem às orientações éticas assegurando o respeito, a confidencialidade e o consentimento esclarecido.

4 ALFABETIZAÇÃO NA EJA: NARRATIVAS E IMPACTOS NA TRAJETÓRIA DOS EX-ALUNOS

A escolarização em etapas tardias da vida produz transformações significativas nas trajetórias pessoais e sociais dos sujeitos. Haddad e Di Pierro (2000), nesse sentido, destacam que o retorno à escola permite reconstruir identidades, ampliar autonomia, melhorar a relação com o trabalho e reforçar a participação comunitária. A alfabetização, em especial, ressignifica práticas cotidianas, possibilitando desde o uso mais competente da leitura e da escrita até a ampliação de capacidades de decisão, autoestima e reconhecimento social. Esses impactos são fundamentais para compreender as mudanças relatadas pelos ex-alunos da

comunidade de 03 de Agosto, cujas vivências expressam como a EJA potencializa novas formas de inserção social.

4.1 Experiências e percepções sobre o processo de alfabetização

As narrativas dos entrevistados evidenciam que o processo de alfabetização na EJA foi vivenciado, de modo geral, como uma experiência positiva, marcada pelo acolhimento docente e pelas relações colaborativas estabelecidas entre os colegas. Um dos participantes descreve que, “as professoras gostavam de ajudar” e que os estudantes “ensinavam uns aos outros” (E1, 2025), enfatizando dimensões de cooperação que dialogam com a concepção freireana de educação como prática dialógica e coletiva. Essas percepções reforçam que, para muitos adultos, o ambiente escolar é valorizado não apenas pelo conteúdo ensinado, mas também pela qualidade das interações humanas que possibilitam a aprendizagem por meio da afetividade, entendida aqui, não como sinônimo de carinho, mas como uma forma de potência e de criação de possibilidades para a produção do conhecimento.

Mesmo entre os que relatam ter avançado pouco no processo, há reconhecimento da relevância da experiência. Um entrevistado afirmou que “foi muito bom, ainda que tenha conseguido apenas aprender a assinar o próprio nome antes da interrupção do projeto” (E3, 2025). Podemos observar que este relato do participante revela, que pequenas conquistas possuem grande significado para os ex-alunos da modalidade EJA, uma vez que ampliam a autonomia cotidiana e representam oportunidades de reverter trajetórias marcadas por exclusões anteriores. Essa perspectiva vai ao encontro com Soares (2022), quando ela destaca que, na vida adulta, o aprendizado da escrita está profundamente relacionado aos usos sociais, e isso fica evidente nas falas que apontam a assinatura do nome como marco de independência e reconhecimento. É comum entre os sujeitos da EJA, especialmente entre os idosos que não tiveram acesso à educação regular, que o principal objetivo ao retornar aos estudos seja aprender a assinar o próprio nome. Isso porque, em situações que exigem assinatura, muitos relatam sentir constrangimento ao precisar utilizar a digital, o que reforça a importância simbólica e prática desse aprendizado.

Também emergem nas narrativas percepções de limitações pessoais, como podemos perceber em trechos como: “sou meio ruda” (E2, 2025) ou “toda vida fui ruda para os estudos” (E3, 2025), os quais refletem marcas subjetivas deixadas por experiências escolares negativas, que ainda influenciam a autopercepção dos participantes sobre sua capacidade de aprender. Esses registros confirmam discussões teóricas sobre identidades fragilizadas pelas

exclusões educacionais, como aponta Arroyo (2022), e sugerem que a alfabetização, na EJA, opera também como processo de reconstrução da autoestima e de superação de estigmas internalizados ao longo da vida.

Outro aspecto recorrente diz respeito à descontinuidade da oferta da EJA em alguns locais e de forma mais recorrente nas zonas rurais devido a diversos fatores, entre eles, a falta de estrutura, distâncias e falta de profissionais qualificados. A interrupção do projeto é mencionada por diferentes entrevistados, porém, destacamos aqui, o que nos chamou mais atenção: “o projeto acabou e não veio mais, aí esqueci de tudo” (E3, 2025). Essa situação reflete o que é discutido por Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001), em seu artigo “Visões da educação de jovens e adultos no Brasil” sobre a instabilidade histórica das políticas voltadas à educação de jovens e adultos, revelando impactos concretos na trajetória dos sujeitos, que dependem da regularidade das ações educativas para consolidar o aprendizado.

No entanto, é possível observar que apesar das limitações, há consenso entre os entrevistados de que aprender “nem que seja um pouco” (E8, 2025) representa uma conquista importante e significativa. Essa percepção reforça a ideia de que a alfabetização, mais do que um fim em si mesma, constitui um processo de construção de sentido e de abertura para novas possibilidades de participação social. Dessa forma, acerca deste aspecto temático, constata-se que em conjunto, as falas demonstram que a experiência na EJA foi marcada por sentimentos de acolhimento, pertencimento e valorização pessoal, ainda que acompanhada de desafios e barreiras estruturais.

4.2 Condições e dificuldades para frequentar a EJA

A análise das falas mostra que as dificuldades enfrentadas pelos participantes variaram conforme a idade, a rotina familiar e as condições de trabalho, aspectos que influenciam diretamente sua permanência na EJA. Destaca-se que para alguns, o maior desafio era conciliar os estudos com as responsabilidades domésticas e o cuidado com os filhos, como destacou a entrevistada que afirmou ter dificuldade porque “meus meninos eram pequenos e não tinha com quem deixar” (E1, 2025). Essa situação é bastante recorrente quando se trata de educandos dessa modalidade, isso vai ao encontro das percepções de Arroyo (2022), quando ressalta que muitos alunos da EJA vivem sob forte sobrecarga de tarefas familiares e produtivas, o que interfere no tempo disponível para estudar.

Outros participantes relataram que o cansaço após um dia de trabalho dificultava a frequência regular às aulas, o que está expresso na fala da (E2, 2025): “passava o dia

trabalhando e à noite estava muito cansada”, revelando como a exaustão física compromete a continuidade das atividades educacionais. Acerca dessa realidade, Oliveira (2020) aponta que o desgaste provocado pelo trabalho é uma das principais causas de interrupção dos estudos na vida adulta, especialmente quando o horário escolar não é compatível com a rotina produtiva. Esse fator em específico aponta para a importância da construção de currículos mais flexíveis, que levem em consideração as reais situações de vida dos educandos e das localidades em que estão inseridas.

Por outro lado, parte dos entrevistados afirmou não ter enfrentado dificuldades relacionadas ao acesso físico à escola, destacando que a proximidade da instituição facilitava a participação. Um deles declarou que “o acesso era fácil por ser perto de casa” (E4, 2025), enquanto outros reforçaram que “não tive dificuldade” (E7; E8, 2025). Esses depoimentos mostram que, quando o deslocamento não constitui uma barreira, tornam-se mais evidentes os fatores sociais e econômicos que condicionam a permanência. Essa interpretação é coerente com as análises de Haddad e Di Pierro (2000), que explicam que a trajetória educacional de jovens e adultos é fortemente marcada por desigualdades estruturais, e não apenas por condições geográficas.

4.3 Aprendizagens e impactos na autonomia cotidiana e social

Os relatos demonstram que a alfabetização trouxe impactos significativos no cotidiano dos entrevistados, ainda que os avanços no domínio da leitura e da escrita tenham ocorrido de forma diferente entre eles. A autonomia aparece como o aspecto mais mencionado na fala dos participantes, um deles por exemplo destacou que agora “pode viajar e saber onde está” (E1, 2025), enquanto outros afirmaram que não precisam mais “colocar o dedo nas coisas” (E2; E3, 2025) ao assinar documentos. Esses posicionamentos mostram que pequenas aprendizagens como reconhecer sinais, identificar locais e assinar o próprio nome, têm grande peso simbólico para a autoestima e para a sensação de pertencimento social. Declarações evidenciam aquilo que Freire (2015) reflete ao afirmar que a alfabetização permite ler a palavra e o mundo, ampliando a capacidade dos sujeitos de interpretar situações, tomar decisões e participar ativamente de seu contexto social.

A autonomia também aparece associada à diminuição da dependência de terceiros, após a aquisição da leitura e da escrita, como podemos verificar no relato de um entrevistado: “sempre de alguém do lado para perguntar as coisas” (E7, 2025); enquanto outro enfatiza que antes “não sabia de nada” e agora “entende as coisas” (E1, 2025). Essa mudança na relação

com o próprio conhecimento confirma discussões de Arroyo (2022), segundo as quais muitos estudantes da EJA carregam consigo a marca da falta de escolarização, o que interfere na autoestima e no modo como se percebem como sujeitos capazes. Nesse sentido, pode-se dizer que a alfabetização cumpre o papel de ressignificar trajetórias e romper com sentimentos de incapacidade anteriormente naturalizados pelos sujeitos não alfabetizados e pela sociedade.

Além das mudanças individuais, também foram mencionados impactos sociais. Vários participantes afirmaram que a convivência com colegas e professores fortaleceu vínculos na comunidade. Um deles afirmou: “fiz muito amigo na escola” (E2, 2025), enquanto outro mencionou que sua relação com a comunidade “melhorou” (E3, 2025). Esses relatos apontam que a EJA funciona como espaço de socialização e pertencimento, contribuindo para fortalecer redes comunitárias (Haddad; Di Pierro, 2000). Esse reflexo também é verificado no âmbito familiar, como fica expresso no fragmento de E1, que afirmou poder “ensinar alguma coisa ao filho”. Essa possibilidade de acompanhar processos escolares e participar de atividades educativas em casa mostra que os impactos da alfabetização não se limitam ao indivíduo, mas potencializa novas formas de atuação em diferentes contextos. Por outro lado, alguns participantes disseram que suas vidas “continuam a mesma coisa” (E5, 2025) ou que a relação social “não mudou” (E7; E8, 2025). Essa percepção dos entrevistados nos direciona para a percepção de que os efeitos da alfabetização não são uniformes e dependem das condições de vida, das oportunidades de uso da escrita e do tempo disponível para consolidar o que foi aprendido.

De modo geral, as narrativas mostram que a alfabetização, mesmo quando parcial, possibilitou novas formas de participação social e ampliou o domínio dos sujeitos sobre sua própria vida, confirmando seu caráter social, cultural e emancipador.

4.4 Continuidade dos estudos e a importância atribuída à alfabetização

Ao analisarmos as falas com base neste eixo temático, podemos constatar que a continuidade dos estudos após a alfabetização ocorreu de modo limitado e, em alguns casos, não se concretizou. Entre os participantes, apenas um declarou ter prosseguido para outra etapa escolar, como fica visível no trecho: “continuei estudando, fiz o fundamental anos iniciais” (E1, 2025). A maioria afirmou que não deu sequência devido à falta de oportunidade, à ausência de novas turmas de EJA na comunidade ou ao término do projeto, fator que aparece também nas dificuldades.

A não continuidade dos estudos também está relacionada às condições de vida dos participantes, tais como: dificuldades familiares, exigências do trabalho e cansaço físico, fatores já mencionados em eixos anteriores. A combinação desses desafios ajuda a explicar por que, mesmo atribuindo grande valor à aprendizagem, vários não conseguiram avançar para outras etapas. Vale ressaltar que estas desigualdades estruturais se apresentam como um dos entraves que limitam as oportunidades formativas e restringem a escolarização ao nível mínimo, especialmente entre trabalhadores rurais e populações adultas, como é o caso dos entrevistados que residem na comunidade 03 de Agosto.

Embora nem todos tenham dado prosseguimento aos estudos, a alfabetização continua produzindo efeitos em suas vidas, já que alguns participantes afirmam que gostariam de ter continuado caso houvesse novas turmas ou horários adequados: “se tivesse, eu continuava” (E2, 2025). Essa disposição demonstra que o interesse pela aprendizagem não se perde, mas é condicionado pelas possibilidades reais de acesso. A relevância atribuída à alfabetização também aparece em falas que relacionam o aprendizado com expectativas para futuras oportunidades: “abre a mente da gente” (E7, 2025); essa fala sugere que, mesmo sem prosseguir formalmente, os saberes adquiridos influenciam a percepção sobre si e sobre o mundo e na forma de atuar nele.

Em síntese as falas mostram que a continuidade dos estudos na EJA foi limitada por fatores externos e estruturais, e não por falta de interesse dos participantes. Além disso, todos reconhecem a alfabetização como um processo valioso, que marcou suas trajetórias e trouxe benefícios concretos e simbólicos. Assim, esse eixo evidencia que, apesar das interrupções, a alfabetização permanece como uma experiência significativa e transformadora, reafirmando sua relevância enquanto direito e instrumento de inclusão social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar os impactos da alfabetização na vida de ex-alunos da EJA da comunidade rural 03 de Agosto, compreendendo como essa experiência formativa influenciou suas trajetórias pessoais e sociais. A partir da análise das entrevistas, foi possível perceber que a alfabetização, mesmo quando limitada aos conhecimentos iniciais da leitura e da escrita, representou conquistas significativas para os participantes, especialmente no que se refere à autonomia cotidiana, ao fortalecimento da autoestima e ao reconhecimento de novas possibilidades de atuação no mundo.

Constatamos a partir de uma visão geral, que os entrevistados relataram experiências positivas durante o processo de alfabetização, destacando que o acolhimento docente e o apoio mútuo entre colegas contribuíram para tornar o ambiente escolar um espaço de confiança e pertencimento. Ainda entre aqueles que avançaram pouco, a percepção de progresso foi suficiente para ressignificar trajetórias marcadas por interrupções e exclusões escolares, revelando o valor simbólico e subjetivo de aprender independente da sua fase de vida.

As dificuldades enfrentadas para frequentar a EJA revelam, por outro lado, a persistência de desigualdades estruturais que historicamente atravessam a escolarização de jovens e adultos no Brasil. Responsabilidades familiares, jornadas exaustivas de trabalho e limitações socioeconômicas foram fatores determinantes para a frequência irregular e, em alguns casos, para a interrupção da continuidade dos estudos. Esses dados, que reforçam a necessidade de políticas públicas que considerem as especificidades desse público e promovam condições reais de permanência e aproveitamento escolar.

Os impactos após a alfabetização mostraram-se diversos e profundos. Os participantes demonstraram sentir-se mais independentes para realizar atividades cotidianas, compreender informações básicas, circular com mais segurança e interagir socialmente com maior autonomia. Para muitos, a possibilidade de assinar o próprio nome ou interpretar orientações escritas representou uma mudança significativa na forma de se relacionarem com o mundo, evidenciando que a alfabetização opera tanto como ferramenta prática quanto como elemento de emancipação simbólica. Além disso, algumas falas indicam maior participação familiar e comunitária, reforçando a ideia de que a EJA é também espaço de reconstrução de vínculos e de fortalecimento da identidade social.

No que se refere à continuidade dos estudos, observamos que, embora exista interesse entre os participantes, a oferta irregular da EJA e as condições concretas de vida constituíram barreiras importantes. Salienta-se, portanto, que por essa razão, a maioria não prosseguiu para etapas seguintes, ainda que reconheça o significado da alfabetização e demonstre vontade de estudar mais.

Em resumo, os quatro eixos analisados mostram que a alfabetização na EJA produziu transformações pessoais, sociais e simbólicas, mesmo quando os avanços técnicos foram limitados. Os achados desta pesquisa confirmam a relevância da EJA como modalidade capaz de reorientar trajetórias, fortalecer identidades e ampliar horizontes de participação social. A alfabetização, portanto, demonstrou ser um processo formativo que ultrapassa a dimensão

escolar, incidindo diretamente sobre a forma como os sujeitos se percebem, se relacionam e constroem sua vida cotidiana.

Por fim, é importante reconhecer algumas fragilidades do estudo, como o número reduzido de participantes e o fato de se concentrar em uma única comunidade rural, o que limita generalizações mais amplas. Diante disso, sugere-se que pesquisas futuras explorem comparações entre diferentes comunidades rurais, investiguem trajetórias de ex-alunos ao longo de períodos mais longos e analisem de forma mais aprofundada como políticas públicas de EJA influenciam a continuidade dos estudos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Educação de jovens e adultos**: um campo de direitos. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.

CORTESÃO, Luiza Maria Carvalhaes. **Ser professor**: um ofício em construção. Porto: Porto Editora, 2012.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 21, n. 55, p. 58-76, 2001.

FREIRE, Paulo. A leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 291-298, 2015.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. **História da alfabetização de adultos no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GENTILI, Pablo. **Pedagogia da exclusão**: crítica ao neoliberalismo em educação. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, p. 108-130, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2023.

MOURA, Maria Aparecida de; MARTINS, Lígia Regina Klein. **Educação de jovens e adultos**: políticas, práticas e desafios. Curitiba: Appris, 2018.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Jovens e adultos como sujeitos de aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2020.

SILVA, Maria das Graças; PAIVA, Jane. **Educação de jovens e adultos e os desafios da escolarização na vida adulta**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 25, e250045, 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

APÊNDICE A– QUESTIONÁRIO NORTEADOR DA ENTREVISTA

1. Como foi sua experiência durante o processo de alfabetização na EJA? Atingiu os seus objetivos?
2. Quais dificuldades você enfrentou para frequentar as aulas na época?
3. Você acredita que aprendeu o que esperava nesse período? Por quê?
4. O que mudou na sua vida após ter sido alfabetizado(a)?
5. Você conseguiu continuar os estudos depois da alfabetização? Por que sim ou por que não?
6. A alfabetização contribuiu para sua vida profissional ou para realizar atividades do dia a dia? Como?
7. Sua relação com a família, amigos ou com a comunidade mudou de alguma forma após a alfabetização?
8. Hoje, olhando para trás, como você avalia a importância de ter aprendido a ler e escrever?